

M. Said Ali

**Gramática Secundária  
e  
Gramática Histórica  
da Língua Portuguêsa**

**MEC-INEP**

**CENTRO REGIONAL DE  
PESQUISAS EDUCACIONAIS  
"PROF. QUEIROZ FILHO"**

Cidade Universitária

**"ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA"**

Caixa Postal, 5031- São Paulo

3.579

**USP-FFCL**

Departamento de História

**BIBLIOTECA**

Edição Revista e Atualizada

1 9 6 4

TOMBO...:51906



SBD-FFLCH-USP



Editôra Universidade de Brasília

EXEMPLAR DESTINADO À BIBLIOTÉCA  
DISTRIBUÍDO PELA CENTRO REGIO-  
NAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS  
"PROF. QUEIROZ FILHO" — SÃO PAULO



# SINTAXE E ESTILÍSTICA

## A ORAÇÃO

ORAÇÃO é a combinação de palavras (e às vezes uma só palavra) com que nos dirigimos a alguém:

a) para dar-lhe informação de um fato (oração DECLARATIVA ou EXPOSITIVA). Exemplos:

Comprei um relógio.  
Estremeceste.  
As férias começaram.  
O trem partiu.  
Pedro está doente.

b) para pedir uma informação (oração INTERROGATIVA), ex.:

As férias começaram?  
Sabes a lição?  
Quem bate?  
Trabalhas?

c) para exortá-lo a praticar ou deixar de praticar um ato (oração IMPERATIVA), ex.:

Afasta-te.  
Não chores.

d) para manifestar-lhe uma aspiração, um desejo (oração OPTATIVA), ex.:

Queira Deus!  
Deus permita!

A oração é AFIRMATIVA quando não contém negação, e NEGATIVA quando encerra alguma expressão como *não, nunca, ninguém, nada, jamais*, etc.

### Têrmos primários

Na oração distinguimos geralmente dous têrmos: SUJEITO e PREDICADO.

SUJEITO denota o ser a propósito do qual se declara alguma cousa. É expresso por um nome ou um pronome.

**PREDICADO** é aquilo que se declara do sujeito. É expresso por um verbo nocional ou por um adjetivo combinado com algum dos verbos *ser, estar, parecer, ficar, tornar-se*.

Nestes exemplos:

As férias começaram  
Ele cairá  
Gastão não é estudioso  
Emílio parece doente  
O leão tem juba  
Trabalhai  
Deus queira  
Fugiremos  
Caístes

são sujeitos as *férias, ele, Gastão, Emílio, o leão, vós, Deus, nós, vós* e predicados *começaram, cairá, não é estudioso, parece doente, tem juba, trabalhai, queira, fugiremos, caístes*.

**OBSERVAÇÃO.** — Junto a *ser, estar, etc.*, pode usar-se como predicativo, em lugar do adjetivo propriamente dito, um pronome, um quantitativo, ou um substantivo adjetivado: *ele tornou-se mestre; o leão é o rei dos animais*.

O sujeito pode ser **DEFINIDO** como nas orações que acabamos de citar, ou **INDEFINIDO** (1).

**SUJEITO INDEFINIDO** é o que indica ente humano que não podemos ou não queremos especificar. Emprega-se para êste efeito o verbo ou na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural, ou na forma reflexiva, ou usa-se o verbo na forma ativa dando-lhe por sujeito um pronome indefinido(2):

Assassinaram o ministro  
Estão batendo à porta.  
Morre-se de frio.  
Alugam-se cadeiras.  
Desistiu-se da emprêsa.  
Alguém está batendo.

**OBSERVAÇÃO.** — Os dizeres *chove, troveja*, e outros verbos impessoais que denotam fenômenos da natureza exprimem fatos em si, sem referência a quaisquer sêres. A estas proposições de sentido completo constituídas por um só têrmo dá-se o nome de orações sem sujeito.

## Têrmos integrantes e acessórios

**TÊRMO INTEGRANTES** são as expressões que completam o sentido dos verbos transitivos e de certos verbos intransitivos, a saber: o **OBJETO DIRETO** ou **COMPLEMENTO OBJETIVO**, o **COMPLE-**

(1) A N. G. B. adota a denominação **INDETERMINADO** (E. B.).

(2) Adotando-se a denominação *indeterminado*, por *indefinido*, tem-se preferido excluir do grupo o caso de sujeito constituído por um pronome indefinido (E. B.).

MENTO TERMINATIVO, o COMPLEMENTO INDIRETO e o COMPLEMENTO DE CAUSA EFICIENTE (1).

As definições já foram dadas na Lexeologia ao estudarmos as diversas espécies de verbos.

TÉRMINOS ACESSÓRIOS são os que individualizam ou especificam o sujeito, predicado ou complemento, ou lhes acrescentam qualquer esclarecimento.

Dividem-se em DETERMINANTES ou ADJUNTOS, APOSTOS E ANEXOS.

Os DETERMINANTES podem ser ATRIBUTIVOS ou ADVERBIAIS.

DETERMINANTE (ou adjunto) ATRIBUTIVO é o termo acessório expresso por adjetivo, pronome-adjetivo, numeral, ou qualquer locução que especifica ou individualiza o sentido do sujeito ou complemento:

Fruta *verde* é nociva.  
A diretora *do colégio* tem cabelos louros.  
*Meu* trabalho está terminado.  
*Três* dias não bastam.  
*Este* quarto é úmido.  
Não gosto de discursos *compridos*.  
Conheço o pai *dêste menino*.

DETERMINANTE (ou adjunto) ADVERBIAL é o termo acessório que acrescenta ao predicado o esclarecimento de lugar, tempo, modo, etc. Lexeologicamente falando, é um advérbio ou locução adverbial:

Almoçarei *ao meio-dia*.  
Chegaram *aqui* as embarcações.  
*Ontem* choveu.  
Aquêles homem caminha *com dificuldade*.  
Tu te exprimes *muito bem*.

APÔSTO OU APOSIÇÃO é o termo acessório que se propõe ao sujeito ou objeto como explicação ou a título de equivalência.

Pode ser um simples substantivo ou uma frase de certa extensão:

Carlos I, *rei de Inglaterra*, foi decapitado em 1699.  
Renato, *amigo nosso*, não nos abandonará.  
Matamos a onça, *terror das nossas matas*.

ANEXO PREDICATIVO é o adjetivo ou substantivo que se acrescenta ao predicado verbal para indicar o estado ou a condição, durante a ação expressa pelo verbo, ou do sujeito ou do objeto (2).

---

(1) Na pág. 95, o Prof. Said Ali sinonimiza OBJETO INDIRETO e COMPLEMENTO TERMINATIVO, e aqui os diversifica. A N. G. B. parece considerar OBJETO INDIRETO todo complemento verbal iniciado por preposição necessária. Quando tal complemento é pedido por substantivo, adjetivo e certos advérbios, dá-lhe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL. Também o aqui citado COMPLEMENTO DE CAUSA EFICIENTE se diz hoje AGENTE DA PASSIVA. Quanto aos DETERMINANTES do Autor, empregamos ADJUNTOS ADNOMINAIS (os atributivos) e ADJUNTOS ADVERBIAIS (E. B.).

(2) A N. G. B. adota apenas PREDICATIVO (E. B.).

## I Anexo predicativo referido ao sujeito:

Ele chegou *cansado*.  
A criança nasceu *cega*.  
Tu partiste *menino* e voltaste *homem*.  
O soldado caiu *morto*.  
As flôres amanhecem *frescas*.

## II Anexo predicativo referido ao objeto:

Encontrei a porta *arrombada*.  
As frutas comeu-as *ele verdes*.  
Deixei-te *menino* e vejo-te *homem*.

Com alguns verbos o anexo predicativo referido ao objeto pode denotar a conseqüência ou resultado do ato expresso pelo verbo:

O ministro nomeou-me *diretor*.  
Elegeram-te *deputado*.  
Fizeram-me *sócio*.  
A miséria tornou-o *invejoso*.

## Funções atributiva e predicativa (1)

É **ATRIBUTIVO** o adjetivo, pronome-adjunto ou quantitativo que vem junto a substantivo para lhe especificar ou delimitar o sentido:

*Belas* casas existem na *grande* cidade.  
A gritaria *infernai* impede-me de trabalhar.  
*Três* dias não bastam.  
*Muitas* flôres plantaste em *teu* jardim.  
*Muitas* flôres *admiráveis* adornam *esse esplêndido* parque.  
*Aquêles* operários ganham *pouco* dinheiro.  
Os *primeiros* prêmios couberam a Carlos e Henrique.  
Moram aqui *vinte* pessoas.  
Demos esmolas a *trinta* crianças *pobres*.

É **PREDICATIVO** o adjetivo, pronome-adjunto ou quantitativo que vem junto a *ser, estar, parecer, ficar, tornar-se*, completando o sentido dêstes verbos:

As ruas são *estreitas*.  
O chapéu é *meu*.  
A maçã parece *podre*.  
Estavas *triste*, mas ficaste *contente*.  
O prisioneiro tornou-se *pálido*.  
Os problemas apresentados são *três*.  
As flôres não eram *muitas*.

(1) Como vimos na nota à página 127, a N. G. B., em vez de **ATRIBUTIVO**, adota a denominação **ADJUNTO ADNOMINAL. PREDICATIVO** é não somente o adjetivo, pronome-adjunto ou quantitativo que vem junto a *ser, estar, parecer, etc.*, mas ainda a expressão que se acrescenta ao predicado verbal e em referência ao sujeito ou ao objeto, da qual fala Said Ali na página anterior. Também o apôsto não se refere apenas ao sujeito ou objeto. (E. B.).

## Têrmos singelos, múltiplos e determinados

São têrmos SINGELOS:

1.º o sujeito e qualquer complemento, representados respectivamente por um só nome ou pronome:

*O jardineiro* podou as roseiras.  
*Nós* obedecemos-te.  
Eu apertei-lhe a *mão*.

2.º o têrmo predicativo expresso por um só adjetivo ou quantitativo:

Os palácios são *esplêndidos*.  
A rua está *intransitável*.  
Estas jóias são *tuas*.

3.º os determinantes atributivos e adverbiais e demais acessórios que não vierem associados a outros têrmos da mesma espécie:

Os dias *chuvosos* terminaram.  
A árvore tem raízes *grossas*.  
*Neste instante* partiu *daqui* um mensageiro *a tóda pressa*.  
As aves amanhecera *mortas*.

OBSERVAÇÃO. — No penúltimo exemplo há três determinantes adverbiais, porém singelos por pertencerem a espécies diferentes.

São têrmos MÚLTIPLOS: o sujeito, o complemento, o predicativo e qualquer têrmo acessório quando enunciados por mais de um vocábulo ou locução designando sêres ou qualidades diferentes e coordenados por alguma das conjunções *e* (clara ou subentendida), *ou*, *nem*, *mas* ou *porém* <sup>(1)</sup>:

*Eu e tu* ficaremos em casa.  
Respondeu com voz *cavernosa e cansada*.  
*Uma ou duas horas* bastarão para esta obra.  
Pedro é rapaz *bom, mas desconfiado*.  
*Mestre e alunos* trabalham juntamente.  
*Nem meu irmão nem eu* estamos ociosos.  
Pertenciam a uma raça *vil e réproba*.  
*Pedro e Antônio* comeram *frutas e doces*.  
Chegamos *cansados e sedentos*.  
Visitou-nos a mãe *de Elsa e Laura*.

São têrmos DETERMINADOS ou DESENVOLVIDOS:

1.º o sujeito, o complemento, o predicativo quando acompanhados de acessórios:

*O jardineiro português* podou as *roseiras da chácara*.  
*Afonso* é *doente do coração*.

2.º os têrmos acessórios quando vêm por sua vez seguidos de outros acessórios:

---

(1) A N. G. B. prefere as denominações *simples e composto* em vez de *singelos e múltiplos*, respectivamente (E. B.).

Almoçaremos às dez horas da manhã.  
Chegamos cansados da longa marcha.  
A diretora do colégio americano fala a nossa língua com facilidade extraordinária.

## Oração simples e oração composta (1)

ORAÇÃO SIMPLES é a proposição independente ou sôlta que faz sentido perfeito, podendo os seus termos ser singelos, múltiplos ou desenvolvidos:

A criança dorme.  
A criança e a mãe dormem.  
O menino comeu a fruta.  
O menino guloso comeu ontem a fruta verde.

ORAÇÃO COMPOSTA é a COMBINAÇÃO COORDENATIVA ou SUBORDINATIVA de duas ou mais orações simples.

A COMBINAÇÃO COORDENATIVA é formada de uma oração inicial e uma ou mais orações seqüentes ou coordenadas que se caracterizam por alguma das partículas *e, mas, ou, portanto, logo, porquanto*, etc.

Vindo expressa a partícula coordenativa, diz-se que a construção é SINDÉTICA. Estando subentendida, a construção denomina-se ASSINDÉTICA. Ex.:

### I

Quis subjugá-lo, *mas* não me foi possível.  
Chove muito; *portanto*, não sairemos.

### II

Quis subjugá-lo; não foi possível.  
Chove muito; não sairemos.

A COMBINAÇÃO SUBORDINATIVA consta de uma oração principal e uma ou mais secundárias ou subordinadas.

Orações subordinadas ou secundárias são desdobramento do sujeito, do complemento ou dos determinantes atributivos ou adverbiais em novas orações.

Quando a subordinada representa o sujeito, um complemento essencial ou um termo atributivo de função restritiva, a oração principal sem a dita subordinada é uma proposição imperfeita e truncada.

Nestas combinações:

*Quem porfia mata a caça*  
*Rio que tem cachoeira não é navegável*  
*Pedro diz que não me conhece*

---

(1) A N. G. B. fala de *períodos simples e períodos compostos* (E. B.).

as principais *mata a caça, rio não é nevegável, Pedro diz*, são proposições truncadas que só fazem sentido quando unidas com as subordinadas respectivas.

## Interrogação direta e indireta

A interrogação pode-se fazer de duas maneiras. A interrogação DIRETA é uma proposição independente, que difere da oração expositiva pelo tom de voz, podendo começar por uma palavra interrogativa:

Vais todos os dias ao teatro?  
Lêste as obras de Machado de Assis?  
Quem bate à porta?  
Onde está a felicidade?  
Porque não disseste tóda a verdade?  
Quando se abrirá a exposição?  
Como se toma êste remédio?  
Quais são as causas da prosperidade do país?

A interrogação INDIRETA não pede resposta pronta, mas dá a entender que temos dúvida sôbre um fato e que estimaríamos que esta se desfizesse com qualquer resposta. Socorremo-nos de duas orações, uma principal, a outra subordinada, sendo esta proferida em tom comum, embora encerre a pergunta.

A oração subordinada começa ou pela conjunção interrogativa *se*, ou por algum dos vocábulos interrogativos *quem, qual, como, onde, porque, quando*, etc. Confrontem-se com os exemplos acima as perguntas indiretas:

Não sei *se* vais todos os dias ao teatro.  
Dize-me (ou não sei) *se* lêste as obras de Machado de Assis.  
Verifique *quem* bate à porta.  
Não sei *porque* não disseste tóda a verdade.  
Mostra-me *onde* está a felicidade.  
Indaga *quando* se abrirá a exposição.  
Explica-me *como* se toma êste remédio.  
Dir-me-ás *quais* são as causas da prosperidade do país.

OBSERVAÇÃO. — Sendo as expressões *como, quanto, quão, que* aplicadas tanto em frases interrogativas como em frases exclamativas, casos há que se devem interpretar como exclamações indiretas: *Olha como ela chora! Bem sabes quanto me custa! Olha que infinidade de moedas*, etc.

## Orações explícitas e implícitas

A oração é EXPLÍCITA se contém verbo, principal ou auxiliar, expresso no indicativo (incluindo o chamado condicional), no conjuntivo ou no imperativo. Chama-se, pelo contrário, IMPLÍCITA a pro-

posição cujo verbo se acha no infinitivo, no gerúndio ou no particípio (1).

Há, portanto, quanto à forma, três espécies de orações implícitas: *infinitiva*, *gerundial* e *participal*. Qualquer delas é sempre subordinada ou dependente de outra proposição subordinante e pode geralmente desdobrar-se em oração explícita.

Reciprocamente as explícitas, sendo secundárias, são muitas vezes suscetíveis de serem contraídas em implícitas. Exemplos:

Para que trabalhássemos = Para trabalharmos.

Quando tomamos o trem = Tomando nós o trem.

Depois que terminou a obra = Terminada a obra.

Se quiseses vir = Querendo vir.

Afirma que está doente = Afirma estar doente.

Tôdas as orações de carácter adverbial podem-se expressar pela forma explícita, excetuando as de modo, meio ou instrumento, para cuja enunciação nos valem somente da oração gerundial:

Resolve-se o problema, *recorrendo* à fórmula adequada.

O ladrão conseguiu escapar *ferindo* o seu perseguidor.

As vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa.

---

(1) A N. G. B. usa respectivamente as denominações orações DESENVOLVIDAS e REDUZIDAS (E. B.).

## CONCORDÂNCIA

Ao sujeito múltiplo, formado de substantivos no singular que se achem ligados copulativamente (conjunção *e*, expressa ou omitida) e designem pessoas ou cousas diferentes, segue-se o verbo no plural:

A mãe e a filha *entraram* no carro.

Noto, Austro, Bóreas, Áquilo *queriam* arruinar a máquina do mundo (Camões).

O anel, a pulseira e o broche *desapareceram*.

A vaidade e a cobiça *desgraçaram* aquêlê homem.

A chuva e o vento *fizeram* muitos estragos no pomar.

Sendo o sujeito constituído por duas expressões no singular ligadas pela partícula *e*, e servindo a segunda para completar, esclarecer ou reforçar o sentido da primeira, irá o verbo para o singular:

Alta fama e rumor dêles se *estende* (Camões).

Todo seu propósito e vontade *era* deter ali os descobridores da Índia (Camões).

Triste ventura e negro fado os *chama* neste terreno meu (Camões).

**OBSERVAÇÃO.** — Se com duas ou mais expressões ligadas pela partícula *e* se designar um ser único, o verbo se conservará evidentemente no singular, como neste exemplo: *o ladrão e assassino foi condenado à morte*.

Enunciando-se primeiro o verbo e depois os diversos sujeitos do mesmo número singular, o verbo pode empregar-se tanto no plural como no singular, concordando neste caso com o mais próximo:

*Sairam* (ou *saiu*) Pedro e Paulo.

*Morreram* (ou *morreu*) o piloto e o maquinista.

*Cobrem* ouro e aljôfar ao veludo (Camões).

*Ouviu-o* o Douro e a terra trastagana (Camões).

Dessa fonte inexaurível *mana* a resignação e a paz (Herculano).

Concorrendo como sujeitos substantivos de números diferentes, o verbo que se lhes segue toma a forma do plural; enunciando-se porém o verbo antes dos sujeitos, poderá êle ficar no singular, contanto que também esteja no singular o sujeito mais próximo:

O dinheiro e as jóias *ficaram* na gaveta.

A diretora e as alunas *compareceram* à festa.

*Desapareceu* o explorador e todos os seus companheiros.

Qualificativo comum a dous substantivos no singular, associados pela conjunção *e*, pode usar-se no plural ou no singular se vier depois:

Depois de ter estabelecido leis políticas e civis e a *paz e ordem públicas* nos seus vastos domínios (Herculano).

As tradições da *cultura e política romanas*.

O âmago e substância da *idealidade e poesia britânicas* (Herculano).

O *orgulho e o patriotismo britânico* andam aninhados em tudo (Herculano).

Se os dous nomes forem de gênero diferente, o adjetivo no plural toma o gênero masculino:

Revestido d'*estola e pluvial prêtos*.

Manou da ferida *sangue e água verdadeiros* (Bernardes).

Ao cabo da estreita senda da cruz acharia êle, porventura, a *vida e o repouso íntimos* (Herculano).

Se o qualificativo ou um adjunto qualquer comum a vários substantivos se achar antes dêles, a concordância faz-se somente com o substantivo mais próximo:

A grande *amizade e admiração* (1).

Achando-se entre os sujeitos ligados pela conjunção *e* o pronome *eu* ou *nós*, o verbo se usa na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural. Ocorrendo entre os ditos sujeitos o pronome *tu* ou *vós*, e não havendo nenhum da 1.<sup>a</sup> pessoa, o verbo irá por via de regra para a 2.<sup>a</sup> pessoa do plural:

Eu e êle assim *pensamos*.

Eu, tu e os mais companheiros *estamos* perseguidos.

*Queríamos* nós e outros colegas estudar grego.

*Falemos* tu e eu dêsse negócio.

Vós e vossos irmãos não *jogais*.

Tu e êles *sabeis* a história.

Algumas vêzes, porém, desrespeitam os escritores esta regra, fazendo a concordância com o sujeito mais próximo por ser a idéia principal:

Desejo que tu e quantos me ouvem se *tornem* tais qual eu sou (Arrais).

Vós e todos aquêles de que eu então me servir, não só *hão* de fazer o que eu faria, senão maiores obras ainda (Vieira).

Tu e os outros velhacos da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra (Herculano).

**OBSERVAÇÃO.** — Na linguagem corrente de hoje, sendo desusado o tratamento *vós*, e desusada portanto a forma verbal respectiva, fala-se segundo os exemplos de Arrais e Herculano que acabamos de citar.

Ligando-se a um sujeito no singular outro no singular ou no plural, e empregando-se para êste efeito a palavra *com* em substituição da partícula *e*, o verbo, desde que venha depois, usa-se no plural:

Eu co grão Macedônio e o Romano *demos* lugar ao nome lusitano (Camões).

El-rei com a rainha Dona Isabel sua mulher *entraram* (D. de Góis).

Êle com o seu clero *catequizaram e batizaram* por muitas semanas a copiosa multidão (Bernardes).

---

(1) Na verdade há vários exemplos que tiram o rigor do princípio estabelecido neste parágrafo. Vejam-se as minhas *Lições de Português*, 2.<sup>a</sup> ed., 89, e *Moderna Gramática Portuguesa*, 8.<sup>a</sup> ed., 364 (E. B.).

Servindo de sujeito múltiplo diferentes substantivos no singular, entre os quais venha a partícula *ou* com o valor de alternativa, e não devendo o predicado referir-se senão a um dos sujeitos, com exclusão dos restantes, a concordância faz-se no singular:

Deus ou o demônio *torceu-te* os desígnios (Herculano).  
A má vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna *pôs* acima dela (Herculano).  
Crendo que Fainamá ou alguma de suas irmãs *era* morta (Barros).

Se, empregada a alternativa *ou*, o verbo tanto pode referir-se a um dos sujeitos como a todos êles, a concordância faz-se no plural:

As penas que S. Pedro ou seus sucessores *fulminam* contra os homens (Vieira).  
O Nilo ou o Tejo não *devem* as suas correntes às terras por onde passam.

Se o segundo termo, precedido de *ou*, se enuncia como que estendendo parenteticamente o caso a outro indivíduo, a concordância do verbo faz-se com um sujeito só:

Se todos, *ou* algum dêles, viram alguma hora dar semelhante à sua (Vieira).  
Um cardeal, *ou* um papa, enquanto homem, não é mais do que uma pessoa (Bernardes).  
Se o porteiro Fr. Julião, *ou* outro súdito seu, ainda mais somenos, *quisesse* alevantar-lhe a grimpa (Herculano).

Repetindo-se depois de *ou* a palavra precedente, porém na forma do plural, para denotar que se admite retificação de número, o verbo concordará com o termo mais próximo, isto é, no singular se vier antes dos dous sujeitos, e no plural se vier depois:

O poder ou poderes do homem *eram* sôbre todos os peixes (Veira).  
A parte ou partes contrárias *virão* à presença do juiz.  
Nenhum vestígio de sua presença *deixou* o autor ou autores do crime.

Concordância análoga à precedente, isto é, com o nome mais próximo, se aplica aos determinantes do nome:

Não se sabe *qual* ou *quais* indivíduos serão acusados.  
Encontrariam *um* ou *muitos* amigos dedicados.

A partícula *ou* significa identidade ou equivalência quando vem interposta entre nomes diferentes com que se designa ou define sempre a mesma pessoa ou cousa. A concordância neste caso tem de ser feita com um termo só, que pode ser ou o nomeado em primeiro lugar antes de qualquer termo esclarecedor, ou o equivalente mais próximo do verbo ou adjetivo:

Daf para cima um *gibão* de mulher, *ou* *vasquinha*, prêto e afogado na garganta, *escondia* debaixo das multiplicadas pregas as formas emagrecidas daquele corpo (Herculano).  
*Cadafalso* ou *tablado* *erguido* no tópo ocidental da rua.

Nas definições e frases denotadoras de equivalência, em que se emprega o verbo *ser* entre dous substantivos de números diferentes, o verbo concorda geralmente com o têrmo que estiver no plural:

Uma coisa *são as ocupa es* do officio, e outra as da pessoa.

O geral vestido de todos *são panos* de algodão.

Asia *são* aqu es muitíssimos e poderosíssimos impérios onde reinaram os Ninos, as Semiramis.

Em clássicos portuguezes encontram-se todavia não raros exemplos de concordância com o substantivo no singular.   linguagem menos usada hoje; como neste exemplo:

*As insignias* de seu estado real   *uma* enxada (Barros).

Nas ora es constituídas por um dos pronomes *tudo, isto, isso, aquilo*, verbo *ser* e substantivo no plural, o verbo toma a forma do plural:

*Tudo* no mundo *são* sombras que passam.

*Tudo* eram armas de fogo.

*Aquilo* não *são* vozes, *são* ecos do cora o.

*Isso* foram conselhos desta senhora.

Para os semeadores *isto são glórias*.

Nas interroga es, diretas ou indiretas, começadas pelos interrogativos absolutos *quem, que, o que*, o verbo *ser* concorda sempre com o nome ou pronome que vier depois:

*Quem* eram aqu es mancebos?

*Que* são honras e glórias para v s?

*Quem* são êles?

Nas frases de identifica o em que um dos têrmos   substantivo, e o outro um pronome pessoal, o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o pronome:

O dono da fazenda *serás tu*.

As vítimas *fomos nós*.

O diretor *sou eu*.

*Foste tu* o melhor amigo.

Nas minhas terras, o rei *sou eu* (Herculano).

Usam-se com o verbo no singular as locu es *  muito,   pouco,   mais de,   menos de,   tanto*, junto   especifica o de preço, p so, medida, quantidade, etc.:

*Trinta mil r is   mais do* que eu posso pagar.

*Cinco quil metros   pouco*.

*Dous metros   menos do* que precisamos.

Com o sujeito múltiplo formado de substantivos precedidos da conjun o *nem*, emprega-se o verbo geralmente no plural:

*Nem o mantpulo* da contri o, *nem o cingulo* da castidade, *nem a alva* da graça justificante *vestem* a sua alma (Bernardes).

Nas definições e frases denotadoras de equivalência, em que se emprega o verbo *ser* entre dous substantivos de números diferentes, o verbo concorda geralmente com o termo que estiver no plural:

Uma coisa *são as ocupações* do officio, e outra as da pessoa.

O geral vestido de todos *são panos* de algodão.

Asia *são* aquêles muitíssimos e poderosíssimos impérios onde reinaram os Ninos, as Semíramis.

Em clássicos portuguezes encontram-se todavia não raros exemplos de concordância com o substantivo no singular. É linguagem menos usada hoje; como neste exemplo:

*As insígnias* de seu estado real é *uma* enxada (Barros).

Nas orações constituídas por um dos pronomes *tudo, isto, isso, aquilo*, verbo *ser* e substantivo no plural, o verbo toma a forma do plural:

*Tudo* no mundo *são* sombras que passam.

*Tudo* eram armas de fogo.

*Aquilo* não *são* vozes, *são* ecos do coração.

*Isso* foram conselhos desta senhora.

Para os semeadores *isto* *são* glórias.

Nas interrogações, diretas ou indiretas, começadas pelos interrogativos absolutos *quem, que, o que*, o verbo *ser* concorda sempre com o nome ou pronome que vier depois:

*Quem* eram aquêles mancebos?

*Que* *são* honras e glórias para vós?

*Quem* *são* êles?

Nas frases de identificação em que um dos termos é substantivo, e o outro um pronome pessoal, o verbo *ser* concorda em número e pessoa com o pronome:

O dono da fazenda *serás* tu.

As vítimas *fomos* nós.

O diretor *sou* eu.

*Fôste* tu o melhor amigo.

Nas minhas terras, o rei *sou* eu (Herculano).

Usam-se com o verbo no singular as locuções *é muito, é pouco, é mais de, é menos de, é tanto*, junto à especificação de preço, pêso, medida, quantidade, etc.:

*Trinta mil réis* é mais do que eu posso pagar.

*Cinco quilômetros* é pouco.

*Dous metros* é menos do que precisamos.

Com o sujeito múltiplo formado de substantivos precedidos da conjunção *nem*, emprega-se o verbo geralmente no plural:

*Nem* o mantpulo da contrição, *nem* o cingulo da castidade, *nem* a alva da graça justificante *vestem* a sua alma (Bernardes).

*Nem Abraão, nem Jacó os conheceram* (Vieira).  
*Nem um movimento, nem uma palavra tinham interrompido a atenção geral*  
(Herculano).  
*Arcanjos malditos, expulsos do céu quando ainda não existiam nem o espaço*  
*nem o tempo* (Herculano).

Querendo-se todavia pôr em relêvo que a mesma ação se repete para cada um dos sujeitos, sucessivamente ou em épocas diferentes, dá-se ao verbo a forma do singular, desde que no singular também estejam os diversos sujeitos:

*Nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava a lhe moderar as ânsias nem as vozes* (Vieira).  
*Até aí nem o nome, nem a imagem de Leonor me tinha passado pelo espírito*  
(Herculano).

Sendo a série de sujeitos cuja ação se nega constituída por substantivos referentes a sêres animados e pronomes da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pessoa, ou por êstes pronomes sòmente, e precedendo os sujeitos ao verbo, a presença de *eu* ou *nós* exigirá o verbo na 1.<sup>a</sup> do plural, a de *tu* ou *vós* (faltando pronome de 1.<sup>a</sup> pessoa) pedirá o verbo na 2.<sup>a</sup> do plural:

*Nem meu primo nem eu freqüentamos tal sociedade.*  
*Nem nós nem êle nos esquecêramos disso.*  
*Nem vós nem êle perdereis em tal negócio.*

Estando porém o verbo negativo antes dos sujeitos de pessoas diferentes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo:

*Não seriam nem êles nem eu quem pusesse êsse remate* (Herculano).

Terminando a série negativa por um dos pronomes indefinidos *alguém, outrem, ninguém*, ou *algum, outro, nenhum*, referidos ao substantivo *homem*, segue-se-lhe o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, embora na série se ache algum sujeito de 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pessoa:

*Nem eu nem ninguém tem anos nem dias* (H. Pinto).  
*Nem êles nem outrem há de possuir nada* (Vieira).  
É cousa verdadeiramente admirável que *nem Moisés nem algum ouro se puda*  
*dera cuidar ou imaginar* (Vieira).  
Não era necessário que *êle nem outro o dissesse* (Vieira).

O termo final da série negativa pode ser um nome cuja significação abranja todos ou algum dos sujeitos anteriores, vindo êste nome combinado com um dos indefinidos *algum, outro, nenhum*. Ainda neste caso costuma-se pôr o verbo seguinte no singular:

*Nem cão, nem gato, nem adibe, nem outro bicho do mato chegou a pôr-lhe*  
*bôca* (F. L. de Sousa).  
*Nem êle nem outro escritor sagrado escreveu as obras da conservação* (Vieira).

Quando o último termo da série negativa é substantivo no plural precedido de *algum de...*, *nenhum dos...*, *algum dos outros...*, *nenhum dos outros...*, o verbo seguinte usa-se no plural ou no singular:

*Nem Lucas, nem algum dos outros* Evangelistas dizem expressamente quando o diabo tornasse a tentar a Cristo (Vieira).  
E contudo *nem o mesmo Adão, nem algum* de seus descendentes chamou nunca tal nome a Eva (Vieira).

As expressões *um e outro*, *um ou outro*, *nem um nem outro* servem de determinantes a substantivo que se usa no singular:

Procuramos alcançar *uma e outra coisa*.  
Ele vai *uma ou outra vez* à cidade.  
*Nem um nem outro* presente posso accitar.  
Em *um ou outro prisioneiro* notei sinais de sofrimento.

Quando a locução *um e outro* com substantivo no singular claro ou subentendido, serve de sujeito, o respectivo verbo, enunciado em seguida, usa-se ora no singular, ora no plural. É preferível o plural quando os seres a que se refere *um e outro* se nos representam no espírito como indivíduos ou entidades bem distintas:

*Um e outro* fizeram seus protestos e requerimentos (D. do Couto).  
*Uma e outra coisa* lhe desagrada (Bernardes).  
De repente, *um e outro desapareceram*, como se a terra os houvera engolido (Herculano).  
*Uma e outra coisa duraram* apenas rápido instante (Herculano).  
*Uma e outra doutrina* é de Salomão (Bernardes).  
*Uma e outra Majestade aceitaram* e receberam o nôvo e sobrenatural parentesco (Vieira).

Sendo enunciado o sujeito pela negativa *nem um*, *nem outro*, usa-se o verbo no singular:

*Nem um nem outro* falou verdade (F. L. de Sousa).  
*Nem uma nem outra coisa* é necessária (Bernardes).

O sujeito múltiplo deixa de influir sobre a forma do verbo desde que, depois de enumerados os vários nomes ou pronomes, se emprega recapitulativamente *tudo*, *nada*, *ninguém*. O verbo concorda somente com o termo recapitulativo:

*A rodeira e as cuvilheiras e as sergentes, tudo* abalara para assistir ao grande drama (Herculano).  
*Remédio, dieta, mudança de ares, nada* lhe aproveitou.  
*O rico e o pobre, o orgulhoso e o humilde, ninguém* escapa à morte.  
*O falso e o verdadeiro, a verdade e a mentira, tudo* passa (Vieira).

Desta última regra se excetua aquelas construções em que, fazendo-se uso do verbo *ser*, o predicado é expresso por um substantivo no plural:

*Pontos, coros e os mesmos comparsas, tudo* eram parentes ou amigos íntimos (Garrett).

A palavra *gente* pede adjetivo e verbo no singular:

Notou-se a presença de *gente estranha*.  
Esperam que a *guerreira gente saia* (Camões).  
Admira-se a *gente* do que vê.

Nos Lusíadas e em outras obras quinhentistas ocorrem entretanto exemplos de concordância no plural, quando, pela interposição de outros dizeres, o verbo ou o termo determinante vem afastado do vocábulo *gente*:

O grande estrondo a maura *gente* espanta, como se *vissem* hórrida batalha (Camões).  
Vendo os nossos como a *gente* destas terradas *andavam* nadando por se acolher à terra (Barros).  
A *gente* da cidade aquêl dia, *uns* por amigos, *outros* por parentes, *outros* por ver sòmente, concorria, *saudosos* na vista e *descontentes* (Camões).

Quando a um nome ou pronome no plural antepomos, em lugar do quantitativo *muitos*, alguma das expressões *grande número de*, *grande multidão de*, *grande quantidade de*, o verbo seguinte pode ir para o plural, concordando com a noção de pluralidade que temos em mente:

*Uma grande multidão de* crianças, de velhos, de mulheres *penetraram* na caverna (Herculano).  
*Um grande número de* velas *branquejavam* sòbre as águas do Estreito (Herculano).

Sendo o sujeito da oração constituído pela expressão *parte* ou *grande parte*, *a maior parte*, com um complemento formado pela preposição *de* e um nome ou pronome no plural (podendo êste complemento estar claro ou subentendido), o verbo se emprega tanto no singular como no plural:

*A maior parte* dos nossos *usam* de pão amassado (Barros).  
Mandou soltar dez ou doze mouros, *parte dos quais vieram* ter ao nosso arraial.  
*A maior parte* de suas fazendas *estava* em navegação (Barros).  
*Uma parte* dos cavaleiros *oferecer-lhes-iam* débil resistência (Herculano).  
Os amigos de Antônio *parte foram* destruídos, *parte* desbaratados (H. Pinto).

Se os dizeres *grande número*, *grande multidão*, *grande quantidade*, *parte*, *grande parte*, *a maior parte*, se referirem a nome coletivo no singular, o verbo só se emprega na forma singular:

*Parte do exército conseguiu* atravessar o rio.  
*A maior parte do povo é* contrária à revolução.

As expressões *cêrca de*, *obra de*, *perto de*, *passante de*, *mais de*, *menos de*, antepostas a número plural para denotar quantidade aproximativa, não influem na concordância do verbo, que será no plural:

*Morreram cêrca de quinhentos* homens.  
*Mais de vinte* volumes *foram* vendidos por preço exorbitante.  
*Seriam juntos passante de oitenta* mil (Barros).  
*Restaram menos de quinze* exemplares.

Em certos casos, a sínese (isto é, concordância com a idéia que temos em mente), permite o emprêgo do verbo no singular, como no seguinte exemplo, em que o verbo concorda com *distância*, e não com as unidades de léguas:

Já lhe ficava atrás mais de cinqüenta léguas (Vieira).

Verbo que se usa com a expressão *mais de um* diz-se geralmente no singular:

*Mais de uma lágrima foi* derramada.  
*Mais de um ano se* passou.  
*Mais de um ricoço ficou* reduzido à miséria.

Nas frases exceptivas expressas pela forma negativa, em que se interpõe o verbo entre *não* e *senão*, ou entre *não* e *mais que*, vindo em seguida um nome que sirva de sujeito, o verbo vai para o singular ou para o plural, de acôrdo com êste têrmo:

Não escapou *senão uma criança*.  
Não escaparam *senão três meninos*.  
Do antigo templo não *aparecem mais que as colunas*.

Se a exceção se refere a sujeito de 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> pessoa, é necessário dar outro torneio à frase, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três*.  
Não apareceu outra *pessoa senão tu*.

Quando é sujeito de uma oração exclamativa *que de* (equivalente de *que multidão de*) seguido de substantivo, o verbo concorda com êste substantivo:

*Que de casas não* ruíram!  
*Que de famílias não* vivem sem amparo!  
*Que de gente não* concorreu à festa!

Empregando-se *é necessário*, *é preciso*, *é bom* com o sentido de *é necessário ter*, *é bom ter*, *é bom usar*, etc., ficam invariáveis estas expressões, sendo o substantivo que se lhes juntar considerado como objeto direto do verbo *ter*, *usar*, etc., que temos em mente:

*É necessário muita paciência* com os meninos.  
*É necessário esforço e vigilância* (Herculano).  
*É bom tôda a cautela* (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — Não há dúvida que os adjetivos *necessário*, *preciso* podem usar-se igualmente como predicação, e neste caso se fará a concordância com o substantivo que lhe serve de sujeito. Repare-se entretanto na frase *é bom tôda a cautela*, cujo sentido difere bastante de *é boa tôda a cautela*.

Na determinação de horas, datas, distâncias o verbo *ser* concorda com a expressão numérica:

*São três horas em ponto.*  
*É uma hora.*  
*Hoje são dez do mês.*  
*Da estação à fazenda são três léguas a cavalo.*

O verbo *dar* referindo-se às horas que batem, usa-se no singular quando vem claro o sujeito *relógio*; em caso contrário concorda com a expressão numérica:

Neste momento o *relógio deu dez pancadas* (Herculano).  
*Deu uma e meia.*  
*Deram as oito* (Herculano).

No tratamento de *vossa mercê, você* (contração de *vossa mercê*), *vossa senhoria, vossa excelência, o senhor, a senhora, vossa reverência, etc.*, emprega-se o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa por causa dos substantivos *mercê, senhoria, etc.*, e pela mesma razão se fazem as referências com os pronomes de 3.<sup>a</sup> pessoa *seu* (e variações), *se, lhe, o, a*. Porém na distinção de gênero, quer para *o, a*, quer para os qualificativos, aplica-se a sínese, fazendo a referência ao sexo da pessoa, e não aos vocábulos *mercê, senhoria, etc.* Assim diremos:

a) dirigindo-nos a homem:

*Vossa Excelência anda muito ocupado.*  
*Permita-me Vossa Senhoria que lhe diga.*  
*Meu caro amigo, vi-o ontem na Avenida com sua esposa.*  
*Você deve dar-se por satisfeito.*

b) dirigindo-nos a mulher:

*Vossa Excelência canta divinamente, e será muito aplaudida.*  
*Prometo-lhe que hei de visitá-la no próximo domingo.*  
*Queira dizer-me se sua filhinha vai passando melhor.*

A palavra *meio*, servindo de qualificativo a um nome, concorda com êle em gênero e número:

O relógio dá as horas e as *meias-horas*.  
O diadema tem a forma de *meia-lua*.  
Com *meias palavras* não fazemos nada.

Empregada como determinante de adjetivo, com o sentido de “um tanto”, “em parte”, “ou quase”, e tendo portanto valor adverbial, a palavra *meio* pode usar-se, segundo o precedente dos melhores escritores da língua, tanto sob a forma invariável, como em concordância com o respectivo adjetivo:

*Uns caem meios mortos, e outros vão a ajuda convocando do Alcorão* (Camões).  
*As sete naus ficaram meias alagadas* (Castanheda).  
*Para os nossos não ficarem magoados e meio injuriados* (Barros).

Tendo os olhos *meios abertos* (Barros).  
Os outros corpos estão *meios podres* (Bernardes).  
Carnes *meias devoradas* pelos cães (Herculano).  
Os olhos ainda *meio fechados* (Herculano).

Tratando-se porém de duas qualidades, atributos ou condições que se contradizem, a palavra *meio*, anteposta a cada um dos adjetivos, costuma conservar-se invariável:

O sineiro da minha *meio-rural, meio-urbana* paróquia (Herculano).  
Paliativo temporário contra a loucura *meio natural, meio voluntária* (Herculano).

O verbo *haver*, tomado na acepção de "existir", diz-se no singular, embora venha junto a um nome no plural.

É exemplo de uma forma cristalizada. Filia-se a certa linguagem do latim vulgar em que *habere* com a significação de "ter" servia de predicado a um sujeito que hoje não sabemos qual seria. Assim dizemos:

*Há homens* neste mundo difíceis de contentar.  
*Havia* no recinto quatrocentas *pessoas*.  
*Traidores houve* entre os que conspiravam.  
Ninguém sabe quantas *estrélas há* no firmamento.

OBSERVAÇÃO. — O sentimento da linguagem leva o povo e raros escritores a empregar, uma vez por outra, *houveram pessoas, haviam côres, se houvessem almas*, etc., por *houve pessoas, havia côres, se houvesse almas*, etc. Nunca, porém, se troca a forma monossilábica *há* por *hão*.

Nas orações que têm como sujeito o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o termo antecedente, sujeito ou objeto de outra oração:

*Eu, que estive* ausente, nada sei do caso.  
Também me culpava *a mim, que vos fiz* companhia (Bernardes).  
*Nós que éramos* ricos, empobrecemos depressa.  
*As mercadorias que não prestavam* foram destruídas.  
Mudou-se para um *prédio que tem* cômodos mais espaçosos.

Sendo o dito antecedente do sujeito *que* um pronome demonstrativo, o verbo de oração adjetiva usa-se geralmente na 3.<sup>a</sup> pessoa:

*Aquêle que não quiser* ficar pode retirar-se.  
*Aquêles que desobedeceram* foram punidos.  
*Os que mais falam* são os que menos trabalham.

OBSERVAÇÃO. — Empregando como demonstrativo as formas *os, as*, os escritores clássicos contrariam por vêzes a regra precedente, pondo o verbo na 1.<sup>a</sup> ou na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural para mostrar a inclusão da pessoa que fala ou da pessoa ou pessoas a quem se dirige a palavra: *Os que nascemos* homens respondemos tão mal às obrigações de nosso nascimento (Vieira); *só resta fazer-vos* uma advertência muito necessária para os que viveis nestes mares (Vieira).

Esta concordância também se pode interpretar como sendo o demonstrativo o apôsto do pronome pessoal *nós* ou *vós* subentendido.

Funcionando o antecedente do pronome *que*, não já como sujeito ou objeto de outra oração, e sim como predicado do verbo *ser*, pode-se fazer a concordância com o sujeito dêste verbo, como nestes exemplos:

Fui também o *primeiro que mostrei* o engano (Castanheda).  
Sou eu o *primeiro que* não sei classificar êste livro (Herculano).

Esta concordância com o sujeito da oração precedente é sobretudo usada quando em vez de *eu sou o que...*, *fui eu o que...*, *fôste tu o que...*, etc., dizemos, com omissão do demonstrativo, *eu sou que...*, *fui eu que...*, *fôste tu que*, etc. Exemplos:

*Fui eu que escrevi* a carta.  
*Fomos nós que* não quisemos.  
*Fôste tu que denunciaste* o plano da conspiração.  
*Não seremos nós que iremos* mendigar tais empregos.  
*Não fui eu que* o assassinei (Herculano).  
*És tu que deves* lembrar-te dêle (Herculano).  
*Fôstes vós que* me ensinastes o caminho.  
*Sou eu que exponho* (Castilho).

OBSERVAÇÃO. — A omissão do demonstrativo nos exemplos precedentes é costume implantado na linguagem desde o século passado. Antes dêste tempo todos os escritores punham sempre claro o demonstrativo:

*Quem te disse que era eu o que te digo?* (Camões). *Não fui eu o que preguei* (Vieira). *Eu fui o que fiz isso* (Vieira).  
Para mais exemplos veja-se a nossa *Gramática Histórica*.

Empregando-se *eu sou quem...*, *fui eu quem...*, *fôste tu quem...*, etc., em vez de *eu sou que...*, *fui eu que...*, *fôste tu que...*, é hoje costume, entre as pessoas cultas, pôr o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa.

*Fui eu quem escreveu* a carta.  
*Fôste tu quem disse* tal cousa.

Lògicamente, desde que se trata de substituição, dever-se-ia continuar a pôr a forma verbal em harmonia com o sujeito do verbo *ser*. Desta prática, que persiste no falar do povo, ocorrem exemplos em Manuel Bernardes, Filinto Elísio e Gonçalves Dias:

*Não sou eu quem*, influindo em Ario, *invadi* a Alexandria e *alcancei* o triunfo (Bernardes).  
*Não fui eu quem* o *privei* dela (F. Elísio).  
*Arde* o pau da resina fumosa; *não fui eu quem* o *acendi* (G. Dias).

O verbo que se segue às locuções *uma das cousas que...*, *um dos homens que...* e outras semelhantes, usa-se por via de regra no plural:

*Um dos homens que mais trabalharam foi Pedro.  
Foi uma das cousas que mais me surpreenderam.  
Paulo é um dos que mais estudam.*

Há, contudo, exemplos de atração em que se usa o verbo no singular concordando com *um*:

*Uma das cousas que me mais espantou (D. de Góis).  
Uma das cousas que sempre agradou a Deus (Vieira).  
Uma das cousas que derrubou a Galba (Bernardes).*